

RELATOS SOBRE OPERÁRIOS BRASILEIROS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Texto 1

"O ambiente era o pior possível. Calor intolerável, dentro de um barracão coberto de zinco, sem janelas nem ventilação. Poeira saturada de miasmas, de pó de drogas moídas. Os cacos de vidro espalhados pelo chão representavam outro pesadelo para as crianças, porque muitas trabalhavam descalças ou com os pés protegidos apenas por alpercatas de corda, quase sempre furadas. A água não primava pela higiene nem pela salubridade."

RODRIGUES, Carlos. *Mestres estrangeiros; operariado nacional: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, p. 259. 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20424/1/2015_CarlosMolinariRodriguesSeverino.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Texto 2

"As crianças trabalham com os corpinhos tenros já definhados. Eram meninos e meninas, sem distinção, empenhados todos no serviço. Tinham aspecto de tuberculosos. Magros, as faces encovadas e os olhitos sombreados de olheiras fundas, mais pareciam esqueletos a se mexerem tetricamente naquele amontoado de engrenagens, de máquinas possantes, que se moviam ruidosamente, numa vertigem formidável de trabalho. (...) Olhei as criancitas, que se empenhavam no serviço. Conservavam o mesmo aspecto tristonho e apegavam-se ao trabalho como a uma coisa de que não podiam fugir e a que estavam irremediavelmente ligadas."

CORREIO DA MANHÃ, 21 de outubro de 1907.

SEVERINO, Carlos M. R. *Menores dentro da indústria têxtil: Uma análise da fábrica Bangu durante a Primeira República*. Vitória-ES: XI Congresso Brasileiro de História Econômica, set. 2015, p. 13. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_carlos_molinari_severino_menores-dentro-da-industria-textil-uma-analise-da-fabrica-bangu-durante-a-primeira-republica.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Texto 3

"(...) Como a imprensa não se cansa de agitar o seu turíbulo, [...] tivemos vontade de conhecer a fábrica e saber as condições econômicas dos companheiros que ali trabalham. (...) Soubemos que o operário mais ágil não conseguia mais de 5\$ [por dia], que se trabalhava das 6 da manhã às 5 da tarde e que o aluguel das casas era de 45\$ por mês com direito à luz elétrica. Ficamos inteirados. A situação em Bangu era igual ou pior do que a das outras fábricas."

A VOZ DO TRABALHADOR, 15 de novembro de 1909.

SEVERINO, Carlos M. R. *Menores dentro da indústria têxtil: Uma análise da fábrica Bangu durante a Primeira República*. Vitória-ES: XI Congresso Brasileiro de História Econômica, set. 2015, p. 146. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_carlos_molinari_severino_menores-dentro-da-industria-textil-uma-analise-da-fabrica-bangu-durante-a-primeira-republica.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Texto 4

“Pedimos um aumento dos nossos minguados ordenados com o qual a Companhia não concorda, por achar que somos muito bem remunerados. No entanto, há entre nós, companheiros com mais de 20 anos de serviço com o irrisório ordenado de 200\$, não obstante as grandes e graves responsabilidades de seu cargo, ao passo que um inglês estúpido e ignorante, desconhecendo por completo o nosso idioma, é importado dos confins de Judas, apenas aqui chegados com toda a sua estupidez e ignorância, é elevado a chefe de seção com ordenado superior a 1:000\$000, somente para dormir na seção na hora do expediente.”

VOZ DO POVO, 19 de março de 1920, p. 1.

SEVERINO, Carlos M. R. **Menores dentro da indústria têxtil**: Uma análise da fábrica Bangu durante a Primeira República. Vitória-ES: XI Congresso Brasileiro de História Econômica, set. 2015, p. 218. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_carlos_molinari_severino_menores-dentro-da-industria-textil-uma-analise-da-fabrica-bangu-durante-a-primeira-republica.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Texto 5

Em [...]“O meu pé de laranja lima”, um relato autobiográfico de sua infância pobre no bairro, lembrou-se de Schofield (embora tenha usado um nome muito parecido com o do diretor gerente na sua obra), que seria o responsável pela penúria e por uma mudança estrutural na família de Zezé, o personagem principal da história: “- Você que quer saber tudo não desconfiou o drama que vai lá em casa. Papai está desempregado, não está? Ele faz mais de seis meses que brigou com Mister Scottfield e puseram ele na rua. [...]”Pensei na Fábrica um momento. Não gostava dela. O seu apito triste de manhã tornava-se mais feio às cinco horas. A Fábrica era um dragão que todo dia comia gente e de noite vomitava o pessoal muito cansado. Não gostava ainda porque Mister Scottfield fizera aquilo com Papai... [...]

RODRIGUES, Carlos. **Mestres estrangeiros; operariado nacional**: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920). Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, p. 220. 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20424/1/2015_CarlosMolinariRodriguesSeverino.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Texto 6

[...] Considerando que dentro da organização atual nada existe que garanta realmente o salário dos trabalhadores, os quais, por isso, são constantemente caloteados; assim como nada está estabelecido de seguro sobre a forma de pagamento, isto é, se este deve ser diário, semanal ou mensal, o que prejudica enormemente os trabalhadores [...]

CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA BRASILEIRA. **Bases de acordo da Confederação Operária Brasileira** - Aprovadas pelo Primeiro Congresso Operário Brasileiro, 1906. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/48450691/BASES-DE-ACORDO-DA-CONFEDERACAO-OPERARIA-BRASILEIRA-APROVADAS-PELO-PRIMEIRO-CONGRESSO-OPERARIO-BRASILEIRO-1906>>. Acesso em 20 fev. 2019.